



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

JAIME CLEMENTINO DE ARAÚJO JÚNIOR

**HABERMAS E CASTORIADIS: SOBRE A SOCIEDADE MODERNA E SUAS
TRANSFORMAÇÕES**

**CAMPINA GRANDE
2019**

JAIME CLEMENTINO DE ARAÚJO JÚNIOR

**HABERMAS E CASTORIADIS: SOBRE A SOCIEDADE MODERNA E SUAS
TRANSFORMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663h Araújo Junior, Jaime Clementino de.

Habermas e Castoriadis [manuscrito] : sobre a sociedade moderna e suas transformações / Jaime Clementino de Araújo Junior. - 2019.

15 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, Departamento de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia alemã. 2. Sociedade moderna. 3. Imaginário. 4. Razão comunicativa. I. Título

21. ed. CDD 193

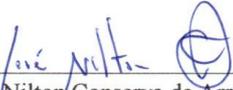
JAIME CLEMENTINO DE ARAÚJO JÚNIOR

HABERMAS E CASTORIADIS: SOBRE A SOCIEDADE MODERNA E SUAS
TRANSFORMAÇÕES

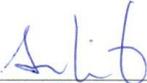
Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura
plena em Filosofia, da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de
Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 20/11/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, parentes e amigos, e especialmente ao meu sobrinho Lucas Emanuel Clementino de Araújo, que abaixo de Deus e de Jesus, é a inspiração maior da minha vida e a todos os outros sobrinhos e sobrinhas, até porque, como se diz, eu “!fiquei pra titio”.

“O imaginário é instituinte do real”
CORNELIUS U CASTORIADIS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Castoriadis e a função do imaginário nas transformações da sociedade.....	7
Habermas e o papel do agir comunicativo nas transformações da sociedade.....	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13

HABERMAS E CASTORIADIS: SOBRE A SOCIEDADE MODERNA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Júnior, Jaime Clementino de Araújo¹

RESUMO

O artigo apresenta a interpretação da sociedade moderna feita por dois importantes pensadores europeus, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas e o filósofo e psicanalista francês Cornelius Castoriadis. Ambos analisam as sociedades modernas e suas potencialidades de transformações. Castoriadis desenvolve uma concepção do social e do histórico que toma por base a ideia de criação de novas formas de organização da sociedade. A ação humana é vista como criação e autotransformação da sociedade no tempo, o histórico pensado enquanto criação humana instituindo o social. A principal ideia de Castoriadis é a de que o *imaginário* é o instituinte do real. Habermas vai realizar sua interpretação da sociedade a partir da função atribuída a *razão comunicativa*. Na análise proposta o ser humano é tomado como um ser político, se comunica politicamente e age e pensa nas suas ações comunicativas de forma coletiva. Assim, as análises desenvolvidas por ambos os autores implicam diretamente em uma compreensão das sociedades capitalistas ocidentais, com seus mecanismos de controle e dominação, mas apontam que nelas também se inscreve dimensões que possibilitam transformações e superações.

Palavras-chave: Sociedade moderna. Imaginário. Razão comunicativa.

ABSTRACT

The article presents the interpretation of modern society by two leading European thinkers, the German philosopher and sociologist Jürgen Habermas and the French philosopher and psychoanalyst Cornelius Castoriadis. Both analyze modern societies and their potential for transformation. Castoriadis develops a conception of the social and the historical that is based on the idea of creating new forms of organization of society. Human action is seen as the creation and self-transformation of society in time, the historical thought as human creation instituting the social. Castoriadis's main idea is that the imaginary is the instituting of the real. Habermas will perform his interpretation of society from the function attributed to communicative reason. In the proposed analysis, the human being is taken as a political being, communicates politically and acts and thinks about his communicative actions collectively. Thus, the analyzes developed by both authors imply directly an understanding of Western capitalist societies, with their control and domination mechanisms, but point out that they also include dimensions that enable transformations and overcoming.

Keywords: Modern society. Imaginary. Communicative reason.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

INTRODUÇÃO

O artigo aborda as concepções de sociedade de dois teóricos europeus, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas e o filósofo e psicanalista francês Cornelius Castoriadis; ambos analisam as sociedades modernas e suas potencialidades de transformações. A sociedade moderna é considerada a partir do período que se estende entre meados do século XV até o momento atual. A modernidade é assim denominada para acentuar uma modificação radical na auto compreensão do mundo desenvolvida nas sociedades que se organizam a partir de meados do século XV e que seguem até o presente. Destaca-se nesta nova visão do mundo a valorização da dimensão subjetiva e da racionalidade como instâncias privilegiadas na definição e construção dos parâmetros sociais, políticos, culturais e cognitivos. Assim, as análises desenvolvidas por ambos os autores implicam diretamente em uma compreensão das sociedades capitalistas ocidentais, com seus mecanismos de controle e dominação, mas apontam que nelas também se inscreve dimensões que possibilitam transformações e superações.

Castoriadis e a função do imaginário nas transformações da sociedade

Cornelius Castoriadis (1922-1997) iniciou a construção de sua obra “A instituição imaginária da sociedade” em 1959. Como ponto de partida ele analisava a filosofia e a teoria marxistas da história, mas o autor foi além desta motivação inicial e se desdobrou em uma compreensão da sociedade moderna que integrava outras contribuições teóricas. Assim, sua obra desenvolve uma concepção do social e do histórico que toma por base a ideia de criação de novas formas de organização da sociedade. A ação humana é vista como criação e autotransformação da sociedade no tempo, o histórico pensado enquanto criação humana instituindo o social. A realidade sócio histórica é concebida como criação no sentido radical, desde o seu ser. Portanto, descarta-se qualquer referência a entidades trans-históricas que possa dar sentido ao que é temporal. Afirma-se que a sociedade é auto-instituição, o que indica que os elementos do social são criações humanas. O social-histórico será entendido como uma criação a cada vez de sua instituição por cada sociedade, assim a história não é desdobramento racional.

O que dizer sobre esta criação humana. Primeiro, o humano encontra-se numa “relação de inerência” com o social-histórico. A instituição da sociedade como um fazer e um pensar humanos no tempo se identifica com a própria história. Segundo, o social-histórico é criação à medida que a atividade que tece o social se consubstancia em história, é a história da instituição social se fazendo, não se deixa prender por mecanismos lógico-racional, pois comporta a indeterminação. Assim, Castoriadis afasta a possibilidade de que a sociedade possa se instituir por meio de imitação ou repetição de processos já vivenciados em outras sociedades.

A principal ideia de Castoriadis é a de que o imaginário é o instituinte do real. Primeiro, vejamos o que é o imaginário para Castoriadis. É como se fosse o pensamento da coletividade, tal como a consciência coletiva de um povo (como quis Émile Durkheim) só que para Castoriadis esta consciência coletiva possuiria a força política de formar politicamente (e com vontade política) a sociedade real – instituída pelo imaginário coletivo de um povo-nação ou de uma cidade-Estado, por exemplo.

Castoriadis apresenta sua compreensão inicial do termo “imaginário”, advertindo a respeito do uso que fará dele na sua obra:

Nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sobre este título. Em particular, isso nada tem a ver com o que algumas

correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, reflexo, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (eidolon), ainda que os que utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio espelho, e a sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihil. (CASTORIADIS, 1995, p. 13).

Castoriadis propõe a noção de imaginário porque julga que é uma categoria adequada para analisar a racionalidade e funcionalidade da instituição social: o componente criativo-imaginativo. O imaginário da sociedade é o que dá orientação específica à sua funcionalidade e sistematicidade. A ideia de um componente de indeterminação caracteriza o social-histórico e manifesta-se neste componente imaginário. Portanto, a forma de organização da sociedade não sofre uma determinação nem das leis naturais e nem das configurações racionais.

Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre e um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/ imagem, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1995, p. 13).

A concepção de instituição imaginária da sociedade indica um componente da sociedade instituída que sempre está em excesso em relação as suas determinações, o transbordamento em relação ao instituído. Esse componente indeterminado, arbitrário, afasta a possibilidade de determinismo, o que implica que se pode assinalar a organicidade que é mediada pelo simbolismo, mas o sentido conferido às realidades não é determinante nem definitivo. Esta dimensão de indeterminação é a realização do imaginário social nas instituições sociais. A instituição da sociedade é instituição de significações imaginárias sociais que põem a sociedade no social-histórico.

Essa compreensão da sociedade conduz a sua visão sobre a economia, pois ele a interpreta como uma realidade construída pela sociedade, algo arbitrário, e, portanto, um imaginário social:

[...] dizer que os homens buscaram sempre o maior desenvolvimento o possível das forças produtivas e que só encontraram como obstáculo estado da técnica; ou que as sociedade foram sempre “objetivamente” dominadas por esta tendência, e organizadas em função dela, é extrapolar abusivamente o conjunto da história, as motivações e os valores, o movimento e a organização da sociedade atual – mais exatamente, da metade capitalista da sociedade atual. A ideia de que o sentido da vida consistiria na acumulação e na conservação de riquezas seria uma loucura para os índios Kwakiutl²⁵, que acumulam riquezas para poder destruí-las; a ideia de procurar poder e o comando seria loucura para os índios Zuni, entre os quais, para fazer de alguém um chefe da tribo, é preciso espancá-lo até que aceite.²⁶ Do mesmo modo que Castoriadis critica a centralidade que a economia tem na teoria desenvolvida por Marx, ele critica a posição da luta de classes. (CASTORIADIS, 1995, p. 38).

Esta relação da economia como o imaginário descortina as possibilidades para se construir uma outra concepção de mundo, reinventa-lo desde o que tem de mais determinante que é a sua dimensão econômica. Um mundo radicalmente diferente daquele regido pelo modelo capitalista. Mesmo com um certo pessimismo, Castoriadis enxerga caminhos para possíveis transformações das sociedades em que vivemos. Se o imaginário social pode ser transformado, então não há razões para se assumir explicações deterministas, que afastam a ideia de história como criação. O social não é tecido fora da historicidade, das práticas e das representações humanas. O imaginário social é produto de práticas coletivas anônimas, que tanto podem ser conduzidas na direção da mudança, da transformação, quanto da permanência, da repetição.

Habermas e o papel do agir comunicativo nas transformações da sociedade

Com a publicação em 1981 de *Teoria do agir comunicativo*, e com as doze conferências de *O discurso filosófico da modernidade* (1985) –, Jürgen Habermas retoma teses consagradas quando da adoção da conhecida Teoria Crítica desenvolvida no âmbito da Escola de Frankfurt, sobretudo sua análise da sociedade capitalista pelo viés da teoria social marxista. Porém, é preciso assinalar que esta retomada da teoria marxista é mitigada pela assunção de temáticas, metodologias e categorias que a Teoria Crítica considerara, naqueles tempos mais duros da Escola de Frankfurt, como teorias adversárias de sua proposta teórica. Assim, é estabelecido um diálogo com o pragmatismo, a fenomenologia e a filosofia analítica.

Habermas vai realizar sua interpretação da sociedade a partir da função atribuída a razão comunicativa, e apresenta sua teoria em uma obra que é um clássico da filosofia da comunicação e da filosofia social e política, o livro *Teoria da ação comunicativa*, quando ele aproxima a sua análise da análise desenvolvida por Cornelius Castoriadis. Na análise proposta o ser humano é tomado como um *ser político*, *se comunica politicamente* e *age e pensa nas suas ações comunicativas de forma coletiva*. Este conjunto de categorias sobre a sociedade possibilita uma aproximação bastante plausível do pensamento de Castoriadis sobre a sociedade.

Em sua *Teoria da ação comunicativa*, Habermas apresenta uma teoria da sociedade associada ao novo conceito de razão, a razão comunicativa.

Um ponto importante destacado por Habermas diz respeito a passagem ou substituição do paradigma da subjetividade pelo paradigma da comunicação.

Habermas opõe ao conceito restritivo e atrofiado de uma razão limitada apenas ao aspecto cognitivo-instrumental um conceito mais amplo de razão, que inclua também um aspecto normativo e um aspecto estético-expressivo. É a racionalidade comunicativa, que se manifesta num processo comunicativo em que os participantes buscam chegar a um entendimento sobre fatos, normas ou vivências. (ROUANET, 1987, p. 158 -159)

Tal substituição assume um significado essencial na interpretação proposta por Habermas das sociedades capitalistas ocidentais e aponta a possibilidade de rejeição do modelo capitalista tradicionalmente baseado em relações de produção e de consumo, para a assunção da esfera da comunicativa, cujo centro passa a ser a linguagem. Assim, fica patente, como uma consequência decorrentes dessa rejeição, que a categoria do agir comunicativo é assumida como prioritária em relação a categoria trabalho.

As sociedades ocidentais abandonam modelos de organização mais primários e menos eficazes e desenvolvem processos mais universais, por meio de procedimentos que são

identificados como *descentrações*. Essa dinâmica evolutiva conduz à superação dos mecanismos de organização por meio do parentesco, do mercado, organizado em torno do trabalho e do capital, do Estado inicialmente nacional, mas que também evolui em direção ao Estado supranacional à medida que introduz de procedimentos argumentativos, baseados em "discursos" que buscam novas soluções, chegando a novas descontrações.

Essa dinâmica evolutiva exige a instauração de uma nova categoria analítica que possa abranger todas as esferas da vida humana já mencionadas anteriormente, isto é, uma categoria que possa articular com a racionalidade comunicativa, o sistema e o mundo da vida, e que, além disso, possa subsidiar a discussão e resolução de problemas inerentes à modernidade. Habermas pensa que a única categoria capaz de estabelecer um elo intermediador entre todas as esferas humanas, tanto sociais como individuais, é a linguagem e é do uso desta que deriva o conceito *ação comunicativa* que dará título a sua principal obra.

O processo que conduz a substituição ou passagem de uma esfera de estruturação em torno de um princípio organizador para aquele que o substitui é sempre acompanhado de uma crise. Assim, a *descentração* de um padrão de organização é sempre um processo de universalização, como consequência do abandono um princípio particular em favor de um princípio de maior universalidade. A complexificação das sociedades conduz a implementar sucessivamente princípios de universalização que permitem uma maior diferenciação e autonomização das diferentes esferas societárias.

Habermas propôs o seu conceito de sociedade entendida simultaneamente como *mundo da vida* e *sistema*. Ele elabora este conceito dialogando com uma teoria da evolução social que separa o processo de racionalização do mundo da vida da crescente complexidade dos sistemas sociais. Assim, ele afirma:

Nós vemos a sociedade como uma entidade que, no correr da evolução, diferenciou-se tanto como um sistema quanto como um mundo da vida. A evolução sistêmica é medida pelo aumento na capacidade de direção da sociedade, enquanto o estado de desenvolvimento de um mundo da vida estruturado simbolicamente é indicado pela separação da cultura, sociedade e personalidade (HABERMAS, 2012, p. 152).

O primeiro conceito refere-se à maneira como os atores percebem e vivenciam sua realidade social. O "mundo vivido" compõe-se da experiência comum a todos os atores, da língua, das tradições e da cultura partilhada por eles. Ele representa aquela parte da vida social cotidiana na qual se reflete "o óbvio", aquilo que sempre foi, o inquestionado. O mundo vivido apresenta, contudo, duas facetas: a faceta da continuidade e das "certezas" intuitivas e a faceta da mudança e do questionamento dessas mesmas certezas.

Essa maneira de descrever a constituição da sociedade põe a teoria de Habermas em sintonia com a de Castoriadis, pois ele assinala a existência e articulação de duas dimensões que não podem ser separadas.

Habermas retoma, em outra perspectiva, sua antiga distinção entre quadro institucional e subsistemas de ação instrumental e constrói um conceito bidimensional de sociedade. Ela comportaria a esfera de *Lebenswelt*, do mundo vivido, e a esfera sistêmica. O mundo vivido é o lugar das interações espontâneas, em que os locutores se encontram para conduzir o processo de argumentação, para formular suas respectivas pretensões de validade, para criticá-las, para aceitá-las, para chegar ao consenso. O mundo vivido tem três componentes estruturais: cultura, sociedade e personalidade (ROUANET, 1987, p. 160 – 161).

Dessa forma, Habermas concebe a sociedade como uma composição de duas dimensões, a parte do *sistema* (uma visão mais objetiva e externa da sociedade) e a parte do *mundo vivido* (envolve a visão subjetiva e interna da sociedade). Recorrendo a estas categorias o autor procura explicar a gênese da moderna sociedade ocidental, diagnosticar a origem de suas patologias e buscar soluções para a sua supressão e superação.

A citação deixa claro que as ações comunicativas são direcionadas para o entendimento, e elas abrangem três âmbitos bem distintos. A primeira dimensão assinalada é a cultural entendido como um pressuposto fundamental para a interação comunicativa. A segunda dimensão remete para o próprio espaço onde a integração social se faz possível e pode ser efetivamente desenvolvida, desde que o entendimento já seja possibilitado pelo pressuposto cultural comum. Por fim ele aponta a dimensão da convivência social como um pressuposto necessário para a formação de identidades pessoais.

Isto significa que o conceito de racionalidade comunicativa se vincula a três mundos: um mundo objetivo de fatos ou acontecimentos, um mundo social de normas e solidariedade e um mundo subjetivo de sentimentos e emoções. Cada locutor, participando de uma interação linguisticamente mediatizada, está alegando que suas afirmações sobre fatos e acontecimentos são verdadeiras, que a norma subjacente a suas ações é justa e que a expressão dos seus sentimentos é veraz. (ROUANET, 1987, p. 158 -159)

Assim, o mundo da vida que envolve diretamente a dimensão subjetiva e interna da realidade é dividido em três componentes estruturais: Cultura, sociedade e pessoa:

- Cultura, remete para todo conhecimento acumulado pelas sucessivas gerações e se constitui no patrimônio comum a partir do qual os atores sociais fundamentam e dão sentido para suas interpretações e compreensão dos acontecimentos do mundo.

- Sociedade, compreendida como o conjunto de convenções, regras e ordens legítimas por meio das quais os membros participantes daquele universo administram de modo adequado suas relações no grupo social.

- Pessoa, postulada como o conjunto de competências que tornam um sujeito capaz de falar e agir, ou seja, de ativar estas competências para compor com sucesso sua própria personalidade.

Neste mundo marcado por esses dois componentes, a dimensão do mundo vivido e a dimensão sistêmica, uma modalidade de ação será privilegiada, a ação comunicativa:

Não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representada e manipulada, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazerem isso, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas, e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (HABERMAS, 2012, p. 392).

Compreendida desta forma, qualquer ação comunicativa, ao mesmo tempo em que serve para preservar e renovar o saber cultural, também serve para a integração social e a formação da personalidade das pessoas, de tal forma que se dá uma mútua constituição do indivíduo e da sociedade, assim indivíduo e sociedade não são realidades com formações independentes, mas se constituem-se reciprocamente. Assumindo esta perspectiva de interdependência entre o social e o individual a categoria de *agir comunicativo* deixa antever

a sua gênese política e não se afirma como uma categoria sociológica neutra, que apenas descreve as realidades tematizadas e analisadas.

Habermas, enfatiza a correlação direta estabelecida entre a ação comunicativa e mundo da vida, pois a ação comunicativa é responsável pela reprodução das estruturas simbólicas e inteligíveis do mundo da vida, isto é, a cultura, a sociedade e a pessoa. Assim, a busca do *entendimento mútuo* que caracteriza a ação comunicativa acarreta a transmissão e renovação do *saber cultural*. Porém, como a ação comunicativa também coordena a ação, ela é responsável pela *integração social*, e por fim, sua forte ação de *socialização* conduz ela à formação da *personalidade individual*.

Neste âmbito podem ser questionados os valores da arte, da moral e da ciência, redutos da sociedade nos quais podem ser identificados práticas e valores que norteiam a busca pela autonomia e a emancipação, pois são parcelas da sociedade que historicamente se configuram por sua defesa da liberdade. Enquanto o mundo sistêmico faculta a *integração sistêmica*, pois nele impera a racionalidade e a ação instrumental, é o espaço social onde impera o controle, a dominação e negação da autonomia;

Ao lado do mundo vivido, que serve como pano de fundo para o processo comunicativo e cuja reprodução simbólica só pode dar-se pelo processo comunicativo, Habermas imagina um segundo estrato, o sistêmico. Ele inclui os complexos de ação que se autonomizaram do processo comunicativo, que passaram a ser regulamentados automaticamente segundo a racionalidade instrumental. (ROUANET, 1987, p. 1610).

É importante atentar para esta outra dimensão da sociedade, a dimensão sistêmica, pois é a parte mais visível e a que é a mais enfatizada pela maioria das teorias interpretativas das sociedades capitalistas, mas é no âmbito do mundo da vida que está assegurada a integração social, pois esse universo é regido pela ação e a racionalidade comunicativa.

Habermas faz uma distinção entre os processos de *modernização sistêmica* que envolve a racionalização do Estado político e da economia de mercado, dos processos de *modernização cultural*, que ocorrem no interior do *mundo da vida* e abrange as esferas de valor da moral, da ciência e da arte. O mundo sistêmico é dominado pela racionalidade instrumental, necessária para a reprodução material da vida na sociedade. O mundo sistêmico dispensa a ação comunicativa pois recorre ao *dinheiro* no interior dos subsistemas econômicos; enquanto o subsistema do Estado, recorre ao poder.

A distinção entre *sistema* e *mundo vivido*, já apresentada anteriormente, assume uma importância capital para compreensão da especificidade das sociedades modernas contemporâneas. Os dois conceitos correspondem a uma diferenciação das sociedades em duas esferas ou mundos: o mundo da reprodução material cuja instância fundamental é o trabalho e o mundo da reprodução simbólica espaço de realização da interação. A própria diferenciação nessas duas esferas é um dos traços constitutivos da modernidade.

Habermas assinala que a coesão social não pode ser alcançada tão somente por meio de processos comunicativos de busca do entendimento. Para ele, um sistema de ação se realiza por meio duas formas básicas:

- Integração social que é fruto de um consenso construído normativamente ou comunicativamente;
- Integração sistêmica que se alcança não por meio de uma regulação normativa das decisões individuais, mas por procedimentos que vão além da consciência dos atores, e tomam como referência mecanismos auto-regulados como o mercado, ou a burocracia.

Como Habermas vê no sistema uma forma necessária de sobrevivência, pode-se argumentar que esses dois subsistemas da formação societária moderna têm função de "redução de complexidade", pois não é possível renegociar todas as relações sociais

permanentemente a partir da estaca zero. A introdução da perspectiva do "mundo da vida", permite, através da razão comunicativa, recorrer à linguagem para argumentar contra ou a favor de certas patologias que a sociedade (pós ou trans) moderna possa apresentar. É através da fala do dia a dia que podemos introduzir "questionamentos" e fazer valer "aspirações de validade" sobre a verdade das afirmações, a correção das regras aplicadas e a veracidade do nosso interlocutor. Não é através da mentira sobre os fatos, do desrespeito às regras do jogo ou da falta de idoneidade moral que chegaremos a corrigir e a superar as crises de nossas sociedades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir dessa análise desenvolvida por Habermas é que a passagem do paradigma da consciência para o paradigma da comunicação rompe com a velha moldura da relação sujeito/objeto substituindo-a por uma relação intersubjetiva. Isso significa que no paradigma da comunicação o sujeito não tem mais o domínio exclusivo sobre um objeto a ser conhecido ou manipulado, ou seja, o sujeito não é mais considerado apenas um autor ou juiz que domina o mundo. Tanto a cultura como a sociedade e a própria identidade das pessoas passam a ter a marca de uma construção solidária.

A ação comunicativa engloba um novo conceito de razão, o da razão comunicativa, que efetua a mudança de paradigma na filosofia do sujeito e favorece uma teoria da ação social que se traduz numa filosofia da práxis, surgida a partir de uma crítica à filosofia da práxis de origem marxista. A Colonização do mundo da vida pelos imperativos sistêmicos não sucumbe ao fatalismo, pois apesar da monstruosidade da modernidade na sua dimensão sistêmica, a dimensão do mundo da vida mostra que a comunicação não está totalmente extinta, e há uma possibilidade de construção de um entendimento mútuo.

A análise proposta por Castoriadis segue uma dinâmica interpretativa bastante semelhante à proposta habermasiana, pois Castoriadis procura articular as suas ideias destacando um certo pessimismo no que diz respeito às possibilidades reais de transformações das nossas sociedades capitalistas, mas no seu pensamento não deixa de apresentar os caminhos para construir uma outra concepção de mundo, diferente radicalmente da organização facultada pelas sociedades capitalistas. O autor constata que há um vazio político que impede ações mais direcionadas que contribuam para superação das práticas hegemônicas do capitalismo. Porém, o uso que Castoriadis faz da categoria imaginário alimenta uma análise que ressalta a relatividade e impossibilidade de se esgotar o real. O movimento histórico é dinâmico e escapa de qualquer perspectiva linear de análise que não leve em consideração o imaginário social e esvazia a ação política gerando o conformismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Lúcia. **Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1995 (3ª. edição).

FREITAG, Bárbara. **Habermas e a filosofia da modernidade**.

HABERMAS, Jürgen. “A crise do estado de bem-estar e o esgotamento das energias utópicas” in **Diagnósticos do Tempo: seis ensaios**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005. P. 9-36.

_____. **Teoria da ação comunicativa**. Trad. Thomas McCarthy, São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. “La modernidad: un proyecto inacabado” in **Ensayos políticos** / Jürgen Habermas; Trad. de Ramón García Cotarelo. Barcelona: Ediciones Península. 1988.

ROUANET, S. P. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores, sem nenhuma exceção pelos muitos ensinamentos e aos colegas de todas as turmas várias pelos estímulos e vai um agradecimentos especial à rezadeira de Boa Vista, Paraíba, Dona Rita Jovem de Araújo, com quem “paguei” muitas disciplinas durante o curso de Filosofia que com o seu amor ao próximo e sua imensa sabedoria me ensinou um terço do que eu aprendi estudando nos livros de filosofia, os quais apenas confirmaram o que ela dizia, meus eternos agradecimentos.